

## **ANÁLISE DO PROGRAMA DE RÁDIO “SAÚDE NA COMUNIDADE”/ AMORB FM**

**Autores:** Renata Pekelman; Douglas Gava de Bona Sartor; Marcos Oliveira Dias Vasconcelos

**Instituição:** Prefeitura Municipal de Porto Alegre; Programa de Residência em Medicina de Família e Comunidade- Hospital Nossa Senhora Conceição/ GHC

**Introdução:** o programa Saúde na Comunidade está no ar desde abril de 2008. É realizado por um grupo multiprofissional de saúde (medicina, nutrição, enfermagem, serviço social, farmácia, psicologia, odontologia), se constitui numa parceria entre Unidade Básica de Saúde Rubem Berta/ Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Rádio Comunitária AMORB FM e os programas de Residência Integrada em Saúde e Residência em Medicina de Família e Comunidade do Hospital N. S. Conceição/GHC, Porto Alegre/RS. O “Saúde na Comunidade” é uma apresentação de rádio semanal, de uma hora de duração que aborda temas de educação e promoção em saúde. Na criação da grade de programação da rádio, a autora, médica da Unidade de Saúde do bairro propôs ter esse espaço de saúde na rádio, percebendo as possibilidades de comunicação e interação com a comunidade, e a potencialidade como espaço de formação em comunicação e educação popular em saúde. Realizou-se parceria com a Residência Médica em Medicina de Família e Comunidade e a Residência Integrada em Saúde do Grupo Hospitalar Conceição (GHC) para explorar essa segunda potencialidade. Após seis meses de funcionamento, o Programa Saúde na Comunidade firmou-se na programação da rádio. Contudo, na sua história recente, ainda falta uma maior aproximação com os ouvintes. Cabe então indagar: O que acham dos assuntos abordados? Gostam da sua linguagem e formato? Que possibilidades e sugestões teriam? Realizou-se este estudo da percepção do programa de saúde para responder a essas questões. A comunicação e saúde surge como um tema novo no campo acadêmico, apresenta poucos trabalhos científicos abordando as potencialidades e fragilidades das rádios comunitárias, apesar desta ser uma importante ferramenta utilizada pelas comunidades que se organizam e se comunicam paralelamente à mídia dominante. **Objetivos:** Analisar a percepção de ouvintes, trabalhadores e usuários, das unidades de saúde Costa e Silva e Jardim Leopoldina do GHC, sobre o Programa Saúde na Comunidade da Rádio Comunitária AMORB FM; conhecer a compreensão dos conteúdos do programa Saúde na Comunidade; averiguar a opinião sobre a forma como os conteúdos abordados no programa são expostos; examinar a compreensão em relação à linguagem utilizada na execução do programa; apreciar o interesse despertado a partir da dinâmica empregada na execução do programa. **Metodologia:** é um estudo de caso que utilizou o método qualitativo, com coleta de dados a partir de grupos focais e análise dos resultados através da análise de conteúdo. Foram realizados dois grupos focais: um de usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e outro de trabalhadores do SUS em duas unidades de saúde diferentes. **Resultados:** na categoria *compreensão do conteúdo*, procurou-se captar, através das falas nos grupos, a capacidade dos organizadores do programa da rádio em passar as informações com clareza para os rádio-ouvintes. A partir das falas dos dois grupos focais, entende-se como ampla e proveitosa a compreensão dos conteúdos dos programas. Todos os ouvintes participaram ativamente opinando, criticando e refletindo sobre os

conteúdos, inclusive ressaltando aprendizados e informações novas. A opinião sobre a forma *como os conteúdos são apresentados* se constitui em outra categoria de análise e tem um peso importante na atratividade dos programas para os ouvintes. Os diferentes formatos permitem diferentes formas de relação entre emissor e receptor de informações, entendendo ora como uma totalidade integrada ora como uma relação unipolar, emissor-receptor. Ao se pretender construir um espaço de educação em saúde visando a integração entre emissor-receptor, é preciso haver um formato que permita que o ouvinte se manifeste sobre os aspectos mais variados do programa. Ao ouvinte deve ser oferecida a possibilidade de colocar suas críticas, opiniões sobre os assuntos e quando possível, não só opiniões, mas tornar a participação do ouvinte-emissor como a responsável pela temática central do programa. Os participantes dos grupos não tiveram consenso na análise da existência ou não da espontaneidade das falas dos entrevistados e dos organizadores no programa como forma do programa. Também não tiveram consenso se isso seria favorável ou prejudicial à compreensão dos programas. Pode-se concluir que se o programa cair em um dos extremos, ou seja, com uma estrutura muito rígida, ou sem pré-estrutura alguma, não será bem recebido pelos ouvintes. A contribuição dos grupos faz refletir sobre a importância de uma organização do programa anterior a cada sessão, de uma forma semi estruturada, sem rigidez, maleável aos fatos inesperados que podem aparecer em qualquer programa ao vivo. É importante dar liberdade aos entrevistados e entrevistadores para que estes expressem as suas falas aos ouvintes, sem perder a fluidez da conversa, mas ao mesmo tempo o rádio locutor deve estar atento a falas muito longas, que fujam do propósito do programa ou da realidade da comunidade. O programa necessita aproximação com a comunidade, trazer convidados locais e incentivar os entrevistados a relacionarem os temas com o cotidiano da região; Nessa categoria, *compreensão em relação à linguagem* que tem sido utilizada na execução do programa, foi comum nos dois grupos focais a opinião de que a linguagem foi clara, boa e educativa. Como a linguagem na rádio é rápida e definitiva, pois a maioria dos programas é ao vivo, não havendo chance de re-explicar uma fala, é fundamental a preocupação de usuários e profissionais de saúde com uma linguagem clara, educativa e popular no rádio. No grupo com os usuários não houve polêmica quanto à compreensão em relação à linguagem, como ocorreu em outras categorias analisadas. Foi consenso que a linguagem era bem esclarecida e acessível. Percebeu-se que no grupo com os profissionais de saúde, surgiu uma discussão em relação à adequação ou não da linguagem. Muitos acharam que se poderia utilizar uma linguagem mais popular, do cotidiano, menos acadêmica e rebuscada. O *interesse na dinâmica do programa* foi a categoria mais comentada pelos participantes dos grupos. Nos dois grupos pôde-se notar essa preocupação marcante com o tempo. Houve um consenso com um tempo aproximado de vinte minutos de conversa intercalada com períodos de intervalo. Essa mesma fala remete à ampliação da fala dos ouvintes, com depoimentos de moradores da comunidade sobre o tema do programa. Isso ajudaria a tornar o programa mais variado e, menos cansativo, despertando a curiosidade e o interesse do ouvinte. Nos dois grupos pôde-se notar essa preocupação marcante com o tempo. Em outras falas, os grupos inserem outro componente para auxiliar a dinâmica: trabalhar com mais de um tema por programa. Finalmente, os grupos reforçaram a importância do programa continuamente repassar os contatos da

rádio para o ouvinte. Além de facilitar a relação emissor-receptor na busca por uma totalidade integrada, é outra possibilidade para combater a monotonia da conversa e, conseqüentemente, tornar o programa mais atrativo ao ouvinte.

**Conclusão:** Os participantes dos grupos, tanto usuários dos serviços de saúde como trabalhadores, tiveram uma boa compreensão dos programas apresentados, apesar de discordarem quanto ao tipo de linguagem utilizado. Expressaram que o programa precisa se aproximar mais da comunidade, trazendo convidados locais e incentivando os entrevistados a relacionarem os temas com o cotidiano da região. Com relação à organização do programa, não houve um consenso entre usar uma estrutura previamente pensada ou deixar as discussões mais livres. Por fim, as entrevistas com os grupos permitiu conhecer percepções adicionais aos objetivos específicos dos pesquisadores, como o reconhecimento da valorização do rádio pela comunidade, a necessidade de maior divulgação, a solicitação para apresentar os programas em outros espaços educativos e, até mesmo, a importância da existência do programa. Apesar da boa impressão perceptível pela pesquisa – evidenciada através dos pedidos de apresentar os programas em outros espaços, que não só o rádio – somado ao valor do rádio dado por uma comunidade urbana de uma grande capital, há poucas iniciativas neste campo da comunicação e saúde. O presente trabalho veio no sentido de tentar superar a barreira teórica para o aumento do uso das rádios comunitárias como uma ferramenta de educação em saúde. É preciso que os trabalhadores da saúde estejam juntos com as comunidades locais incentivando essa forma de fazer saúde. Pelo entusiasmo que todos receberam o programa, afirmando que não sabiam que ele era tão bom e, por falas como “começariam a ouvir” a partir de então, foi possível ver que os participantes dos grupos não ouviam o programa, com algumas exceções. Gostaram dos assuntos, da linguagem e do formato, apesar de algumas ressalvas e várias (e muito importantes) sugestões para melhorar o programa. Houve consenso que o programa é bem estruturado, despertou o interesse dos grupos e é reconhecido como uma potência para a educação popular em saúde.

**Palavras-chaves:** promoção de saúde, comunicação e saúde, educação popular em saúde